

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: DO MANUSCRITO AO TEXTO ESCRITO

PEDAGOGY OF THE OPPRESSED: FROM THE MANUSCRIPT TO THE PRINTED TEXT

Eduardo Arriada

*Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
earriada@me.com*

Gabriela Medeiros Nogueira

*Universidade Federal do Rio Grande – FURG
gabynogueira@me.com*

Silvana Maria Bellé Zasso

*Universidade Federal do Rio Grande – FURG
szasso2006@gmail.com*

Resumo

Este trabalho tem por objetivo investigar a trajetória da obra Pedagogia do Oprimido, desde a sua concepção, elaboração do manuscrito, até chegar ao texto impresso. Utilizando a teoria do circuito da comunicação de Darnton, e o da circulação e apropriação de Chartier, buscamos compreender as diversas etapas de gestação dessa obra. Para tanto, o próprio manuscrito, bem como as diversas edições da Pedagogia do Oprimido, foram utilizadas para construir as nossas análises. Cabe salientar a importância do livro Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, pois nele também encontramos pistas que permitem conhecer o que Freire vinha idealizando. Por fim, destacamos a inegável contribuição dessas obras de Freire para o campo da alfabetização no Brasil.

Palavras-chave: Pedagogia do Oprimido. Produção e circulação. Paulo Freire, Alfabetização.

Abstract

This study aimed at investigating the course of the opus Pedagogy of the Oppressed from its conception and manuscript writing to the printed text. We aimed at comprehending the steps of the conception of the book in the light of Darnton's communications circuit and Chartier's theory of circulation and appropriation. In order to carry out our analyses, the manuscript and different editions of the Pedagogy of the Oppressed were read. The importance of the book Pedagogy of Hope should be highlighted; it enabled us to revisit the Pedagogy of the Oppressed since it gives clues to what Freire was idealizing. Finally, we pointed out the undeniable contribution of Freire's books to the field of literacy in Brazil.

Keywords: Pedagogy of the Oppressed. Production and circulation. Paulo Freire. Literacy

Introdução

A obra *Pedagogia do Oprimido* tem sido tema de diversas pesquisas (Gadotti, 1989, 1996; McLaren, Leonard, Gadotti, 1998; Souza, 2001; Freire, 2006; Beisiegel, 2008). Além disso, essa obra de Paulo Freire foi traduzida e publicada em mais de vinte idiomas, conforme destacam Gadotti (1996) e Ana Maria Freire (2006). *Pedagogia do Oprimido* também é a terceira obra mais utilizada em trabalhos no campo das ciências humanas, com cerca de 72.359 citações (Green, 2016). Considerando isso, temos por objetivo neste artigo apresentar resultados uma investigação em que comparamos o manuscrito da *Pedagogia do Oprimido* e a publicação da 1ª edição da obra em 1974 no Brasil. No processo de análise, buscamos indícios nos depoimentos de Freire e nas escritas de autores, amigos e companheiros que revelam de um modo ou de outro o processo de escrita e reescrita do texto até chegar a versão editada da *Pedagogia do Oprimido*. Nesse processo, pautamos-nos no circuito de comunicação que perpassa do autor ao leitor, ou seja, na esteira conceitual de Darnton (1986, 1988, 1996, 2010, 2015) e de Chartier (1990, 1996, 2002, 2014) sobre a produção e circulação de textos.

Para tanto, além do próprio manuscrito¹, as primeiras edições da *Pedagogia do Oprimido* publicadas em inglês pela Editora Herder y Herder (1970); em espanhol pela Editora Nuestra Tierra (1970); em português pela Editora Paz e Terra (1974), e também outros textos como conferências, panfletos, relatórios compuseram o *corpus* de documentos em que nos debruçamos para investigar esse percurso: do manuscrito ao impresso.

Além das referências citadas, não poderíamos deixar de referendar a obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, pois nela Freire nos outorga pistas de entendimento e compreensão da gestação desta última. A *Pedagogia do Oprimido* nas palavras do próprio Freire, “[...] emerge de tudo isso e falo dela, de como aprendi ao escrevê-la [...] deste livro falo amplamente das tramas que tiveram como personagem quase central a *Pedagogia do oprimido* mesma” (1993, p. 13).

Deste modo, alicerçados principalmente nas investigações de Darnton e Chartier, procuramos compreender as mediações que perpassam do manuscrito ao texto impresso da *Pedagogia do Oprimido*, absorvendo a ideia de que a leitura e todos os seus componentes são variantes históricos e de que sua apropriação é consequência de diversos momentos.

Entre o ato do pensar, do escrever e do imprimir, existe um conjunto de situações que comporta mudanças, alterações, acréscimos, supressões. Essas mediações que o escrito passa desde o original até o impresso, envolve um coletivo de pessoas, de gestos, de falas, de proibições implícitas e/ou veladas,

¹ O Instituto Paulo Freire fez algumas cópias do manuscrito pertencente a Jacques Chonchol, uma delas pertence hoje ao nosso acervo pessoal, ela foi base para o presente estudo.

envolvendo os autores, editores, leitores, incluindo ainda os recursos tecnológicos, financeiros, gráficos, tipográficos, etc.

Ensinando a dizer a sua palavra

Ao longo da história do livro sempre existiram pessoas lidando com o material original, antes que o mesmo fosse repassado aos editores e distribuidores. Liam, comentavam, alteravam, suprimiam, conforme seus saberes, desejos e/ou possibilidades. Entre o primeiro esboço redigido e o texto efetivamente impresso, uma plêiade de desconhecidos, anônimos e prestadores de serviço (editores, revisores, tradutores, etc.), eivavam o manuscrito de profundas transformações.

Como ressalta Chartier (2014, p. 11): “A materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto, se o que entendemos por este termo são as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade”.

Em entrevista realizada com Jacques Chonchol, tomamos conhecimento das peripécias passadas pelo manuscrito da Pedagogia do Oprimido. De forma direta e com bastante objetividade, a entrevista narra que a história é muito simples:

Certo dia, estando com Paulo – não me lembro mais se em minha casa, ou na casa dele, para a famosa galinha de cabidela de Elza, quando ele me disse: Quero deixar-lhe uma lembrança de todos estes anos de trabalho juntos; quero lhe dar um livro que escrevi e que penso que é importante. Recebi a lembrança, li a bela dedicatória que ele fizera para mim e para minha esposa e guardei-o, religiosamente, todos estes anos. E aí termina a história do manuscrito” (Entrevista com Jacques Chonchol. In: Romão, 2013, p. 08).

A entrevista expõe diversos outros pormenores das relações estabelecidas no exílio entre Jacques Chonchol e Paulo Freire, suas vidas, objetivos, projetos, parcerias e dilemas, como, por exemplo, a derrubada do Governo de Salvador Allende. O estabelecimento da ditadura militar no Chile obriga que Chonchol se refugie na embaixada da Venezuela. Durante nove meses permaneceu refém na embaixada, em razão de não autorizarem um salvo-conduto para ir a outro país. Conforme seu relato, durante esse tempo:

[...] atacaram minha casa, que não era esta,² mas uma outra, localizada em uma comuna (bairro) vizinha. Dilapidaram minhas coisas, especialmente a biblioteca, levando livros, documentos e objetos, de que nunca mais tive notícias. Não sei como o manuscrito escapou. Foi um verdadeiro milagre (Romão, 2013, p. 09).

² Local onde a entrevista foi realizada.

Os três primeiros capítulos da *Pedagogia do Oprimido* foram escritos em apenas quinze dias, embora Freire tenha refletido sobre eles por vários anos. É importante salientar que a prática de escrever de Paulo Freire é quase concomitante com o ato de ler. Para Gadotti (1996, p. 61) em Paulo Freire “não há um tempo de escrever e um tempo de ler. Há sim um tempo de ler-escrever ou escrever-ler”.

A experiência vivida no Chile antes do golpe militar foi crucial para a produção da obra *Pedagogia do Oprimido*. Nesse país Freire encontrou um espaço político, social, educativo e cultural muito dinâmico, rico e desafiante, possibilitando cotejar essa realidade com o contexto brasileiro, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente (Gadotti, 1996).

O próprio Freire afirmava que se em vez do Chile, tivesse se exiliado na Suíça, com certeza não teria escrito *Pedagogia do Oprimido*. “Minha prática de exílio me politizou intensamente. Foi o Chile que me fez isso”, afirma em *Ação Cultural para a liberdade* (1975, p. 38). Mas também não era apenas pela experiência de exilado que teria concebido tal obra. Ele tinha na memória as vivências no Brasil, sendo que no Chile pode amadurecer e refletir sobre seu passado. Assim, *Pedagogia do Oprimido* é resultado de um somatório de acontecimentos: prisão, exílio, caminhada intelectual, experiências do Brasil vistas do Chile em transformações, etc. (Gadotti, 1996).

Nessa refletida gestação intelectual, os educadores de esquerda apoiaram o pensamento educacional de Freire, ao contrário dos pensadores do Partido Democrático Cristão do Chile, que em 1968, o acusavam de escrever um livro “violentíssimo” contra a democracia cristã. Essa obra era nada mais nada menos que o futuro livro – *Pedagogia do Oprimido* (Gadotti, 1996).

Embora elaborada no Chile durante seu exílio, muitas das ideias incorporadas na obra *Pedagogia do Oprimido*, foram inicialmente esboçadas em vários artigos e em sua tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, no ano de 1959. Esse trabalho com o título de *Educação e Atualidade Brasileira*, foi recentemente republicado pelo Instituto Paulo Freire, em seu prefácio elaborado por uma equipe do próprio Instituto, temos o seguinte esclarecimento: “Paulo, no conjunto de sua obra, sempre revelou o quanto era cuidadoso com isso³. Aliás, passou a vida reescrevendo o “mesmo livro”, sempre atualizando-o” (Torres et ali: Prefácio, 2001: IX).

Tratando sobre o processo de escrita de um texto, Chartier (2014) afirma que: “Autores não escrevem livros, nem sequer seus próprios livros. Livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultados de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades” (p. 38).

³ A expressão “com isso” refere-se aos seus escritos, ou seja, o quanto Freire preocupava-se com sua escrita, escrevendo e reescrevendo o mesmo texto.

Podemos pensar, a partir das ideias de Chartier, em uma história cultural do social que:

[...] tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (1990, p. 19).

Em diversos momentos, Chartier (2014), alerta que não devemos esquecer que o texto passa por muitas operações para tornar-se um livro. Da mesma forma, Darnton (2010), considera a história do livro como uma disciplina que vem sendo reconhecida pela sua importância, constituindo-se num campo de pesquisa que parece pronta para conquistar um espaço no cânone das disciplinas acadêmicas.

Enquanto impresso, os livros são submetidos a um circuito de comunicação que perpassa do autor ao leitor, existindo entre eles as figuras do impressor, do distribuidor e do livreiro, entre outras.

Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. Autores também são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e autores, criam noções de gênero, estilo e uma ideia geral de iniciativa literária que afeta seus textos (Darnton, 2010, p. 193).

Ao dar início a produção do manuscrito da Pedagogia do Oprimido, Freire moldou o texto e orquestrou sua difusão de modo a promover uma campanha contra a dominação do opressor e pela busca da emancipação do oprimido.

Ao longo de sua trajetória enquanto obra revolucionária, o livro teve críticas e reconhecimento de diversos intelectuais, entre outros, Darcy Ribeiro, colega e admirador de sua obra, que expressa o significado profundo desse livro. “Pedagogia do oprimido marcou a maioria da pedagogia brasileira. Levou ao mundo, **em muitíssimas línguas** (grifos nosso), um pensamento educacional muito nosso, remarcado pelo mais agudo sentido de responsabilidade social” (Gadotti, 1996, p. 373).

As palavras de Chartier contribuem para entendermos esses meandros que envolvem as produções escritas, ou seja, que “os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que os suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (Chartier, 1990, p. 25).

Cabe salientar portanto, que sempre há uma mediação entre as representações que o mundo social tem de si em relação ao mundo real, sendo essa mediação permeada por símbolos, sinais, pistas, discursos, ideologias, gostos, etc.

Que “diabo” é essa Pedagogia do Oprimido

Embora tenha tido um reconhecimento mundial à partir da publicação da Pedagogia do Oprimido, Freire vinha ao longo dos anos consolidando um pensamento próprio retirado das diversas leituras efetuadas e das diversas práticas vivenciadas, ministrando aulas, dando palestras e atuando nos círculos de educação popular. Ao atuar tanto na esfera privada, como na esfera pública foi consolidando um saber mediatizado pelas leituras e pela prática.

Ao participar ativamente das políticas públicas nos anos 60⁴, Freire levou para o contexto local do nordeste, seu sistema de alfabetização⁵. Foram as circunstâncias do momento que o levam a aceitar o desafio de propiciar uma educação para as camadas populares mais aviltadas. Conhecido também por método de alfabetização Paulo Freire, a preocupação central do autor era possibilitar a superação da coisificação dos homens.

A concepção de alfabetização vivida por Freire, na experiência em Angicos⁶, superou a visão mecânica do ensino da escrita e da leitura explicitando um método embasado na ideia transformadora da educação. Em suas etapas pode-se observar que há uma sequência de ações em um movimento dialético importante para o conhecimento do contexto cultural em que o educador irá atuar. Essa sequência possibilita, compreender o lugar daquele que aprende e ensina, pois defende que é em uma relação dialógica que o conhecimento é produzido mediatizado pelos saberes e pelas experiências do grupo.

Assim, as etapas do método⁷ consistem na investigação temática, na tematização e na problematização situadas no contexto cultural do grupo com que o educador trabalha, as quais orientam o “caminho” da alfabetização. Em seus procedimentos de ensino aparecem indícios do método sintético-silábico na medida em que toma as palavras geradoras e as desmembra em sílabas para construir novas palavras, buscando sempre a problematização de seus significados, com o propósito de “aprender a dizer a palavra”. Não podemos deixar

⁴ Sobre os anos 60, veja-se: Beisiegel (1974, 2008); Pinto (1956); Paiva (1973).

⁵ Optamos por utilizar a expressão concepção de alfabetização ao invés de sistema como alguns autores utilizam. Entendemos que o fato de ter vivido a experiência de alfabetizar adultos construiu uma proposta baseada em sua opção filosófica política.

⁶ Freire participou da campanha “de pé no chão também se aprende a ler” em Rio Grande do Norte. (Feitosa, 2011, p. 28)

⁷ Desde o início das primeiras tentativas de alfabetização, a discussão sobre método e sistema esteve presente, como podemos observar em Aurenice Cardoso, Conscientização e alfabetização: um visão prática do sistema Paulo Freire, s/d; s/ed. “Quando método, processos e técnica sintetizam-se num conjunto de princípios e conseqüências, unitária e organicamente temos um sistema. [...] Investigações dessa natureza levaram o Prof. Paulo Freire a elaborar não só um método ativo, mas um sistema de educação de adultos, que leva os analfabetos não só a se alfabetizar, mas a ganharem a consciência de sua responsabilidade social e política” (s/d: 01-02). Esse folheto será posteriormente editado na revista Estudos Universitários, Recife (4), abr/jun., 1963.

de registrar a presença diária de Elza Freire na discussão dessas experiências, uma vez que além de esposa e companheira era alfabetizadora de formação e contribuiu muito neste trabalho⁸. Segundo Feitosa (2012, p.17) Freire, entendia que se tratava “[...] muito mais de uma “Teoria do Conhecimento” do que uma metodologia de ensino; muito mais um método de aprender do que um método de ensinar”.

No prefácio da obra *Pedagogia do Oprimido* apresentado por Ernani Maria Fiori, intitulado – *Aprenda a dizer sua palavra* – magistralmente fica estabelecido a concepção por trás dessa alfabetização, como é possível observar no excerto a seguir:

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra” (Fiori, 1974, p. 05).

Não há explicitamente uma proposta exclusiva de alfabetização, há sim uma preocupação com a politização do indivíduo, não basta saber ler a palavra, é preciso saber ler e interpretar o mundo. Dando continuidade a concepção educativa de Freire, Ernani Maria Fiori escreve:

Eis porque, em uma cultura letrada, aprende a ler e escrever, mas a intenção última com que o faz, vai além da alfabetização. Atravessa e anima toda a empresa educativa, que não é senão aprendizagem permanente desse esforço de totalização – jamais acabada (1974, p. 05).

A alfabetização, semelhante a todo processo educativo, não pode ser concebida como um ato mecânico e automatizado, mediante o qual o educador deposita naqueles que nada sabem, letras, sílabas, palavras, sentenças. Esse depósito não se identifica com a concepção libertadora defendida por Freire. Nesta perspectiva, não existe cartilha que escape a crítica do autor. Todas elas apresentam metodologias instrumentais, onde o alfabetizando é visto como um objeto e não um sujeito. Esses métodos de alfabetização são instrumentos domesticadores, no geral distantes da realidade do analfabeto. Não libertam, apenas instrumentalizam para o domínio dos saberes mínimos e necessários para inserção no mercado de trabalho.

⁸ Para aprofundamento do tema leia a dissertação: *Pedagogia da convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação e a tese: As noites da ditadura e os dias de utopia... O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979* ambas as produções de Nima Imaculada Spigolon.

Cabe apenas ao educando sujeitar-se a essa estrutura de dominação. Educar, nessa perspectiva é o contrário do fazer pensar. Não se ensina a dizer a sua palavra, mas a palavra do outro, palavra essa eivada de preconceitos. Desse modo, ela é criticada profundamente por Paulo Freire como uma concepção ingênua da educação, pois “nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (Freire, 1974, p. 66).

O convívio com Ernani Maria Fiori possibilitou um amadurecimento de muitas ideias que Freire vinha refletindo, em entrevista realizada com Contreras feita por Triviños e Andreola (2001), ele afirma o seguinte:

A importância de Freire foi a de construir uma nova visão da educação; a de Fiori consistiu em apoiá-la teoricamente. Isto não significa que a cabeça pensante era Fiori e a cabeça atuante era Freire. Não. Paulo tinha sua própria reflexão. O problema é que muitas vezes um educador ou pensador do vulto de Freire precisa de uma outra parte sólida que lhe dê elementos para retroalimentar seu próprio pensar (Triviños e Andreola, 2001, p. 50).

Para Sergio Gómez, Fiori teve um papel fundamental no pensamento de Freire, dando organicidade as suas ideias transformadoras da educação. Embora Fiori tenha escrito muito pouco, esse pouco revela um espírito muito profundo e sábio. A introdução elaborada – “Aprender a dizer a sua palavra”- para apresentar a Pedagogia do Oprimido, “me parece superior à própria obra prefaciada” (Entrevista com Gómez. In: Triviños e Andreola 2001, p. 51).

O próprio Freire tinha consciência que todos os livros tem sempre uma longa história. Ao dialogar com Fiori, lembrava que embora conversassem sobre tudo, inclusive amenidades como o tempo, logo Fiori “acabava com o “penso que é” e entrava na rigorosidade do “que é”, e então virava um seminário. A seguir um relato sobre esse processo:

[...] Todos os sábados se dava isso. O prefácio nasceu num desses sábados. Eu terminei de escrever os três primeiros capítulos do livro, na ocasião eu acreditava que fosse o livro todo, entreguei-os ao Ernani [...]. Ele levou o texto para casa, leu, e dez dias depois, num daqueles sábados, voltou com o prefácio na mão⁹. Vocês podem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. Era maravilhoso. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa Pedagogia do Oprimido. O prefácio é, no fundo, melhor que o livro. É uma síntese extraordinária de compreensão do que eu dizia” (Triviños e Andreola, 2001, p. 75 e 76).

⁹ “Quando Fiori me entregou seu excelente estudo em dezembro de 1967, tomei algumas horas em casa à noite, lendo desde o seu prefácio até a última palavra do terceiro capítulo, para mim, então, o último” (Freire, 1993, p. 60).

Como mencionado, existe uma distinção fundamental entre texto e impresso, entre o trabalho de escrita e a fabricação do livro. “Façam o que fizerem, os autores não escrevem livros. Os livros não são de modo nenhum escritos. São manufaturados por escribas e outros artesãos, por mecânicos e outros engenheiros, e por impressoras e outras máquinas” (Stoddard: Apud Chartier, 1990, p. 126).

Deste modo, esse livro pensado, vivido, é um somatório de experiências vivenciadas, troca de ideias, saberes compartilhados, “sábados que viram seminários, opiniões aceitas e descartadas. Nascia o texto, sem conteúdo ainda ser uma obra, levando inclusive a Freire afirmar: “que diabo é essa Pedagogia do Oprimido”. (Triviños e Andreola, 2001, p. 76).

Do manuscrito ao impresso: construindo uma teoria da educação

Embora tenha efetivamente começado a escrever no exílio o que depois seria conhecido como a Pedagogia do Oprimido, muitas das suas ideias vinham sendo amadurecidas ao longo dos anos. Sua participação ativa em prol da educação no Brasil vai consubstanciar o amálgama de seu pensamento.

O próprio autor declara que a experiência do trabalho no SESI, no setor da Divisão e Cultura, “se constitui como um momento indispensável à gestação da Pedagogia do oprimido” (Freire, 1993, p. 18). Esclarecendo ainda que a Pedagogia do Oprimido “não poderia ter sido gestada em mim só por causa de minha passagem pelo SESI, mas a minha passagem pelo SESI foi fundamental” (Freire, 1993, p. 18).

Esse momento tão participativo e ativo de Paulo Freire dentro da estrutura educacional brasileira foi propiciando um entendimento profundo das matrizes que condicionavam essa educação. Uma educação vista de cima para baixo, autoritária, excludente e com nenhuma perspectiva de compreensão dos oprimidos. Essas vivências desembocam na escrita de sua tese universitária apresentada na Universidade de Recife, intitulada Educação e atualidade brasileira, que “desdobrando-se em Educação como prática da liberdade, anuncia a Pedagogia do oprimido” (Freire, 1993, p. 19).

No exílio, apesar da amargura, da decepção, da enorme crise existencial vivida, esse estar e não estar, ou seja, o próprio distanciamento da realidade brasileira, lhe oportunizou ver com outras “lentes”, com outra sensibilidade, e com enorme pertinência, o vácuo que faltava nas propostas educacionais organizadas na pátria distante. Faltava o entendimento que o outro, o oprimido, pensava, era um ser sensível, pleno de sabedoria. Seu saber, seu desejo de desvelar o mundo, não apenas lhe era negado, nem conseguiam imaginá-lo como um ser possível de sapiência. Para Freire isso ia ficando cada vez mais claro e transparente.

Para o autor, o tempo de escrever é sempre precedido pelo tempo de falar das ideias que serão posteriormente fixadas no papel. As ideias precisam ser conversadas, dialogadas com os amigos, antes de sobre elas escrever. É uma forma não apenas de testá-las, mas de recriá-las, cujas arestas poderiam no ato da escrita ser melhor aparadas, assim, no momento da escrita é possível refazer o que se esteve pensando nos diferentes momentos de nossa prática.

Permeado pelas ideias que vinham sendo gestadas em seu exílio no Chile, Freire reflexionava muito sobre as experiências vividas no Brasil, e de forma um tanto inconsciente meditava sobre a nova realidade no Chile. Esse tempo de angústia, de espera, foi tempo contínuo de leituras e elaboração de um pensamento mais crítico. Havia uma tomada de consciência desse saber construído nos últimos anos. O próprio Freire afirma que há mais de um ano vinha falando de aspectos da Pedagogia do Oprimido. Falava a amigos que o visitavam, discutia em cursos, em aulas, em seminários. Uma vez, sua própria filha chamou sua atenção para que tivesse maior contenção na ânsia de falar sobre a Pedagogia do Oprimido, livro ainda não escrito. Para ele, era impossível não falar, continuava deste modo falando apaixonadamente “do livro como se estivesse, e na verdade estava, aprendendo a escrevê-lo” (Freire, 1993, p. 54).

Em 1967, numa conferência pronunciada em Nova York, Freire teve a oportunidade de expor as ideias mestras dessa obra que vinha pensando. Ao voltar para o Chile, o autor começa a fase de transpor o que sabe para o papel. Para tanto utiliza fichas, “a que ia dando, em função do conteúdo de cada uma, um certo título ao mesmo tempo em que as numerava” (Freire, 1993, p. 58).

Consideramos importante destacar o modo de organização da escrita de Freire que passa a andar sempre com pedaços de papel nos bolsos, ou até mesmo com um pequeno bloco de notas. Conforme relata o autor ocorrendo uma ideia, “não importava onde eu estivesse, no ônibus, na rua, num restaurante, sozinho, acompanhado”, a ideia era anotada. Muitas vezes, uma simples frase (Freire, 1993, p. 58).

Com enorme franqueza, Freire vai nos expondo como foi elaborando a Pedagogia do Oprimido. Para ele, “escrever é tão re-fazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática [...]” (Freire, 1993, p. 54).

Em 1967, escreve uma síntese de sua palestra realizada em Santiago, sob o patrocínio da Organização dos Estados Americanos (OEA), nela apresenta a concepção bancária da educação, o próprio documento esclarece: “As ideias aqui apresentadas, em síntese, fazem parte de um livro do autor, prestes a ser publicado” (Triviños e Andreola, 2001, p. 129).

É perceptível que nesse ano de 1967, Freire em diversos lugares, caso por exemplo, de New York, assim como em Santiago, vinha falando abertamente de um conjunto de ideias em gestação, ideias que constituem o prenúncio do que ele depois vai denominar de Pedagogia do Oprimido.

Algumas das suas ideias chave aparecem também no Plano de Trabalho de 1968, quando atua no ICIRA¹⁰. Nele, Freire expõe as linhas mestras de sua concepção pedagógica: “ninguém educa ninguém; ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo, no qual estão” (Triviños e Andreola, 2001, p. 121).

Entre a escrita do manuscrito e a elaboração do impresso, Freire ao longo do texto faz diversas alterações. Algumas pontuais, outras modificando a forma escrita, em outros momentos a alteração atinge questões mais profundas. Arrolamos como exemplo algumas das diversas modificações, cotejando o texto manuscrito, com o texto impresso.¹¹

Nas “Primeiras Palavras”, é possível notar essas alterações. No Manuscrito (p. II), consta: “Se a conscientização implica em pôr este “status quo” em tela de juízo, ameaça a liberdade”. Por sua vez, no texto impresso a redação é a seguinte: “Por isto, se a conscientização põe em discussão este status que ameaça, então, a liberdade” (1974, p. 21, 2 §).

Adiante, ainda nessa parte das primeiras palavras, no Manuscrito (Freire, 1968, p. III), consta: “Nossas afirmações que fazemos neste ensaio, não são, de um lado, frutos de devaneios intelectuais nem resultados, apenas, de leituras, por mais importantes que nos tenham sido estas”. No impresso está: “As afirmações que fazemos neste ensaio, não são, de um lado, frutos de devaneios intelectuais nem tampouco, de outro, resultam, apenas, de leituras, por mais importantes que nos tenham sido estas” (Freire, 1974, p. 21, § 3).

Dois parágrafos a frente do citado acima, a modificação, embora sutil é crucial. No Manuscrito (p. III), a redação foi elaborada do seguinte modo: “Daí que seja este, com todas as deficiências de um ensaio puramente aproximativo, um trabalho para homens radicais. Marxistas ou não, ainda que discordando de nossas posições, em grande parte ou em sua totalidade, estes, estamos certos, poderão chegar ao fim do texto”.

No impresso ficou: “Daí que seja este, com todas as deficiências de um ensaio puramente aproximativo, um trabalho para homens radicais. **Cristãos ou marxistas** (grifos nossos), ainda que discordando de nossas posições, em grande parte ou em sua totalidade, estes, estamos certos, poderão chegar ao fim do texto”. (Freire, 1974, p. 21, 5 §). Por sua vez, na edição espanhola de 1970 (p. 30), a redação ficou apenas com a palavra “Estos”, substituindo assim, tanto: “marxistas ou não” do manuscrito, como “cristãos ou marxistas”, da edição de 1974 em língua portuguesa.

¹⁰ Instituto de Capacitación e Investigación en reforma Agraria.

¹¹ Utilizamos a primeira edição da Pedagogia do Oprimido feita pela Editora Paz e Terra de 1974.

O que teria levado Freire a incorporar na edição impressa de 1974, o termo, cristão? No manuscrito vemos a radicalidade de sua postura, outorgando aos marxistas, e apenas a eles, o caráter revolucionário. Talvez sua ida para Genebra para participar do Conselho Mundial das Igrejas. Sua permanência na Suíça, foi de 14 de fevereiro de 1970, até 15 de junho de 1980.

Uma questão que permanece em aberto, é que no manuscrito, ao final das Primeiras Palavras, Freire escreve: “Santiago. Inverno de 67. Por sua vez, na primeira edição da editora Paz e Terra (1974), consta: “Santiago, outono de 1968”. Assim, ficamos sem ter a certeza de quando realmente foi terminado o texto. É possível que Freire tenha se equivocado, pois no próprio manuscrito, na abertura dedicada aos “Queridos amigos Jacques e Maria Edu”, ao final do texto, escreve: “Santiago. Primavera 68”. Para aumentar a dúvida, na primeira edição em espanhol feita pela Tierra Nueva (1970), ao final das Primeras Palavras, vem: “Santiago de Chile. Otoño de 1969.

É importante também salientar o papel fundamental que teve Elza Freire na constituição dessa obra, o próprio Paulo Freire esclarece isso: “Queremos expressar aqui o nosso agradecimento a Elza, de modo geral nossa primeira leitora, por sua compreensão e estímulos constantes a nosso trabalho que também é seu” (Freire, Manuscrito, 1968: VII).

Embora a paternidade da Pedagogia do Oprimido tenha sido imputada a Paulo Freire, ao longo de sua trajetória, o próprio autor vai tecendo demonstrações que mesmo sendo atribuída a si a responsabilidade da escrita, ela teve de fato a contribuição de muitas vozes, entre elas, com certeza a de Elza Freire. Podemos dizer que a sua concepção e escrita foi permeada constantemente pelo diálogo.

Teríamos muitos outros fragmentos de escrita que demonstram divergências e/ou alterações entre o manuscrito e o impresso, mas com o próximo exemplo, queremos pontuar que em muitos momentos, algumas dessas alterações (ou acréscimos), podem causar dúvidas no entendimento do pensamento de Freire.

Vejamos o seguinte trecho: “Se esta crença nos falha, abandonamos a idéia ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação, e **caímos** (grifo nosso) nos “slogans”, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo” (Freire, Manuscrito, 1968, p. 36).

No impresso após essa frase, vem o seguinte acréscimo, que não consta no manuscrito. “Esta é uma ameaça contida nas inautênticas adesões à causa da libertação dos homens” (Freire, 1974, p. 57). Além disso, a palavra caímos, no impresso ficou “caíamos”.

Com um ritmo de atividades sempre envolvente no seu dia a dia, ainda assim, Freire procurava nos momentos possíveis, e isso acontecia amiúde aos sábados ou nos raros períodos de férias, ir escrevendo, burilando, botando em fichas e/ou em papéis seu pensamento.

Em sua casa, à noite, depois do jantar trabalhava as ideias que tinha registrado, escrevia três ou mais páginas, e logo após numerava e dava um título. Também trabalhava as ideias separando as mesmas das leituras feitas. Brotavam reflexões, que possivelmente tenham sido motivo de preocupação e/ou aprofundamento do autor do livro. Muitas vezes também, a afirmação de algum autor levava as reflexões de Freire para o campo de onde esse autor se situava, reforçando e esclarecendo seu próprio pensamento.

Nessa árdua tarefa de ler, pensar, escrever, Freire tinha sempre presente que “é preciso que o (a) educador (a) saiba que o seu “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando” (1993, p. 59). Valendo-se de fichas organizadas em grupos, em geral em torno de dez, ele procurava descobrir “se havia na sua sequência temática alguma lacuna que devesse ser preenchida”, ou ainda, conforme uma leitura mais acurada, “houve a emergência de novos temas”. Ou como conclui Freire: “No fundo, as “fichas de ideias” terminavam por tornar-se fichas geradoras de outras ideias, de outros temas” (1993, p. 59).

Nessa organização das fichas, onde ele denomina “fichas geradoras”, deve com certeza ter relação com o que ele chama em seu “método de alfabetização” de temas geradores. Estaria nesse processo de construção da Pedagogia do Oprimido, indiretamente sugestionando o que em sua teoria da alfabetização, ficou conhecido como tema gerador?

Esse enorme esforço intelectual permitiu que ao decidir começar a redigir o texto em julho de 1967, fosse possível em quinze dias de trabalho quase ininterruptos, elaborar os três primeiros capítulos da Pedagogia do Oprimido. Com o texto datilografado, entrega-o ao seu amigo Ernani Maria Fiori para que escrevesse um prefácio conforme mencionado anteriormente.

Uma sugestão seguida por Freire, foi acatar o conselho dado por seu amigo Josué de Castro: “sugiro a vocês um bom hábito para quem escreve. Terminado o livro, o ensaio, metê-lo em “quarentena” por três, quatro meses, numa gaveta. Numa certa noite, retirá-lo e relê-lo, então. A gente sempre muda “algo”, concluiu Josué (Freire, 1993, p. 60).

Eis o relato do próprio autor: “Lá uma noite dois meses e pouco depois, me entreguei por horas ao reencontro com os originais [...] lentamente, sem querer mesmo que a leitura terminasse logo, página por página, o texto todo. Não realizei mudanças importantes nele, mas fiz a fundamental descoberta de que o texto estava inacabado. Precisava de um capítulo a mais. Foi assim, então, que escrevi o quarto e último capítulo, aproveitando, ora parte do tempo do almoço nos seminários de formação realizados fora, mas perto de Santiago [...] (Freire, 1993, p. 61).

Com a redação do quarto capítulo, revistos e retocados os três primeiros, Paulo Freire entrega o material para uma datilógrafa e em seguida faz “várias cópias que distribuí entre amigos chilenos e entre alguns companheiros de exílio e amigos brasileiros” (Freire, 1993. p. 62).

Esse fato, “várias cópias”, esclarece o que disse Hugo Assmann – “Bibliografía de y sobre Paulo Freire” - no apêndice elaborado para a edição feita no Uruguai em 1970, onde escreve: “Pedagogía del Oprimido”. Edición incompleta. Introd. del Prof. Ernani M. Fiori. Santiago, 1969 (Assmann, 1970, p. 248). Corroborando com o que acreditamos, foram feitas algumas cópias mimeografadas antes de existirem exemplares impressos. Com certeza, uma dessas cópias datilografadas foi entregue a Jacques Chonchol.

Também Augusto Triviños e Balduino Andreola afirmam em seu livro, “Freire e Fiori no exílio”, que “esta obra, terminada, como sabemos, em dezembro de 1967, circulou, manuscrita, no Chile e noutros lugares” (2001, p. 118).

Mesmo ainda não existindo o texto impresso da Pedagogia do Oprimido, essa obra circulava em textos mimeografados e em cópias manuscritas. Seus livros anteriormente editados, eram bastante conhecido do público leitor. Educação como prática da liberdade, editado pela Paz e Terra em 1967, já circulava por diversas partes:

La experiencia de Paulo Freire en Brasil, país donde se publicó por primera vez una edición de esta obra en 1967, la consideramos de capital importancia. Y no ha sido casual que en muy poco tiempo haya aparecido una edición de este libro en Venezuela, anunciándose ahora su traducción al inglés y su publicación en Nueva York, su traducción al francés y su publicación en París (Corvalan, 1972, p. 09).

Esse conhecimento anterior do pensamento do Freire, torna receptível e desejado a leitura dessa outra obra que nascia, Pedagogia do Oprimido. Pelas censuras impostas a sua edição, caso por exemplo, do Chile e do Brasil, e pela própria dificuldade em editá-la, torna onipresente e necessário o uso de cópias manuscritas. Essa é uma das razões da morosidade de surgir uma edição impressa no Brasil, o momento histórico de opressão e violência do regime militar, obstaculizava que alguma editora tivesse a ousadia de imprimi-lo. Somente em 1974, o diretor da editora Paz e Terra, Fernando Gasperin, ousadamente edita a obra¹².

Pedagogia do Oprimido: obra que transcende fronteiras

Ao ser publicada em setembro de 1970, em inglês, e no mesmo ano, no mês de novembro em espanhol, Pedagogia do Oprimido começava a ser conhecida, lida, debatida e traduzida em várias partes do mundo.

¹² Fato narrado por Freire em sua obra, Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido, 1993, p. 63.

Essa universalidade de seu pensamento em tão curto espaço de tempo reflete a profundidade alcançada pelas suas ideias. Poucos tinham demonstrado com clareza, o quanto as diversas teorias pedagógicas até aquele momento tinham uma epistemologia centrada no discurso do opressor, devendo automaticamente ser transferido para todos os demais, inclusive os oprimidos.

A mudança de foco tem um grande impacto social, uma vez que alguém se solidarizava com os oprimidos, buscando dar as devidas ferramentas para a sua conscientização. É vendo o outro, dialogando com o outro, que construímos caminhos.

Deste modo, “pedagogia do oprimido, reescreve a narrativa da educação como um projeto político [...] rompe as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social” (Giroux, 1996, p. 569).

Foi a força de sua palavra, seu compromisso em prol dos oprimidos, articulando ação com a teoria, e uma prática que se torna libertária, que tornou a Pedagogia do Oprimido, um dos trabalhos sobre educação mais lido e discutido no mundo. Sua mensagem é clara, ao longo dos anos os opressores tem buscado, de todas as formas, manter os oprimidos calados. Privam os mesmos de dizer a sua palavra. Ao não poder dizer a sua palavra, facilmente caem nas redes da dominação.

Antes de evidenciar a enorme circulação da Pedagogia do Oprimido em diversas línguas, procuramos sinteticamente pontuar suas principais contribuições no campo da educação, pois foi isso que levou que sua obra fosse tão rapidamente vertida para outros idiomas. Sua palavra precisava ser lida.

Em diversos momentos de sua obra, Paulo Freire explicita sua concepção de educação, particularmente em Educação como Prática de Liberdade e Pedagogia do Oprimido. Para o autor, a educação é uma “situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza” (Freire, 1974, p. 98). Deste modo, tanto o educador como o educando estão em igualdade, ambos sujeitos de uma mediação. Ambos podem, a partir desse momento, perceber o mundo e as suas relações construídas nele.

Vivendo em um contexto de opressão, o oprimido apenas repete e perpetua a palavra do opressor. Pactua com seu discurso onipotente, segregacionista e excludente. Freire comenta, por exemplo, que “Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo” (Freire, 1974, p. 53).

Isso não implica dizer que o oprimido não tenha noção da sua situação, que não saiba ou desconheça o quanto sofre, o quanto é massacrado pelo peso da sua condição. Ao contrário, ele tem plena consciência da sua condição social, mas de certa forma, naturaliza essa realidade. Esse contexto para ele não é uma construção histórica, é a própria realidade. O seu conhecimento de si mesmo,

como oprimido, como esclarece Freire, “se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora. “Reconhecer-se” a este nível, contrários ao outro, não significa ainda lutar pela superação da contradição” (1974, p. 33).

Assim, ser algo é ser como o opressor. Daí esta quase aberração no dizer de Freire, “um dos polos da contradição pretendendo, não a libertação, mas a identificação com o seu contrário” (1974, p. 33). É necessário então, que o oprimido se conscientize da importância da educação para superar essa realidade. Os oprimidos precisam da capacidade de tomarem distância do modelo opressor e se perceberem agentes históricos, ou seja, sujeitos participantes e transformadores do mundo. Precisam conhecer. E conhecer é tomar consciência, é estabelecer relações entre si, com os outros e com o mundo.

Em um primeiro momento¹³, Freire considera conscientização a capacidade de desvelar a realidade, posteriormente esse conceito é ampliando e passa a ser fundamental em suas análises.

Na obra *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979), o autor externa seu posicionamento:

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade que a “des-vela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante” (Freire, 1979, p. 29).

Nessa concepção, toda educação é um ato político, nela não existe neutralidade, mesmo quando se auto-intitula neutra, ela está na verdade, ajudando a

¹³ Caso por exemplo do capítulo 4. Educação e Conscientização [101-122], da obra *Educação como prática da liberdade* (1967). Nele Freire esboça em linhas gerais sua ideia de conscientização.

“A conscientização, compreendida como processo de criticização das relações consciência-mundo, é condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. [...] É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos”. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *Conscientização (Verbetes)*. Dicionário Paulo Freire, 2008: 99/100. Essa obra foi traduzida para o inglês em 2012, pela Editora Rowman & Littlefield Publishers, com o título de “Paulo Freire Encyclopedia”.

perpetuar um modelo de educação, em geral aquele vigente. Assim, conscientizar-se numa perspectiva educacional é tornar o homem alguém capaz de refletir e agir, transformando o mundo.

Conforme mencionado anteriormente, no prefácio elaborado em 2001 para a obra *Educação & Atualidade Brasileira*, os autores comentam que Freire “passou a vida reescrevendo o ‘mesmo livro’ (grifo do autor)”, sempre atualizando-o (Freire, 2001, p. IX).

Se na *Educação como Prática da Liberdade*, o suporte teórico foi em grande medida autores como: Ortega y Gasset, Manheim, Whitehead, entre outros; por sua vez na *Pedagogia do Oprimido*, esse suporte têm agora Marx, Lenin, Marcuse como fundamentais. Essa reescrita aprofundada redundou na superação do conceito de transformação esboçado na *Educação como Prática da Liberdade*, que nesse momento significava participação e integração no sistema político liberal. Agora, na *Pedagogia do Oprimido*, transformação implica a possibilidade de revolução, isto é, uma opção e uma prática política radical (Gadotti, 1996, p. 163).

Essa forma de abordar a educação, preconizada pela perspectiva do oprimido, revolucionou em certo sentido a compreensão que tínhamos do processo educativo. Deste modo, e de maneira surpreendente considerando que é uma obra de um autor latino americano, *Pedagogia do Oprimido*, em um espaço de tempo muito curto, foi traduzida para as principais línguas do mundo ocidental.

Pioneiramente a versão em inglês de setembro de 1970, pela editora Herder and Herder de New York, com tradução de Myra Bergman Ramos, e primeiras palavras (Foreword) de Richard Shaull. Paulo Freire comenta esse contexto na obra *Pedagogia da Esperança*: “De fato, aparecida em Nova York, em setembro de 1970, a *Pedagogia* começou imediatamente a ser traduzida a várias línguas, gerando curiosidades e críticas favoráveis, umas; desfavoráveis, outras. Até 1974, o livro tinha sido traduzido ao espanhol, ao italiano, ao francês, ao alemão, ao holandês e ao sueco e tinha sua publicação em Londres, pela Penguin Books. Esta edição estendeu a *Pedagogia* à África, à Ásia e à Oceania, [...] tal a eficácia da rede de distribuição daquela editora”. (Freire, 1993, p. 121 e 122).

Todas as edições localizadas em língua inglesa (Herder and Herder; Continuum Book; Bloomsbury; Penguin), tanto a tradução, como as primeiras palavras (Foreword), são de autoria de Myra Bergman Ramos e Richard Shaull, respectivamente.

Salientando a força e originalidade dessa obra, Richard Shaull na apresentação escreveu que “a educação é mais uma vez uma força subversiva” (1970, p. 09). E o oprimido só poderia superar a cultura do silêncio imposta a ele, tomando consciência da sua profunda alienação. Desse modo, ficou claro para ele (refere-se a Paulo Freire), que “todo sistema educacional era um dos principais instrumentos para manutenção dessa cultura do silêncio”. Finalizando que “as pessoas se educam através da mediação do mundo” (1970, p. 11).

Na introdução a *Pedagogia do Oprimido*, edição comemorativa do seu 30º aniversário, Donalddo Macedo ressalta o quanto essa obra foi marcante:

[...] a leitura da *Pedagogia do Oprimido* também me deu a força interior para iniciar o árduo processo de transcender uma existência colonial que é quase culturalmente esquizofrênica: estar presente e ainda não visível, visível e ainda não presente. [...] A leitura da *Pedagogia do Oprimido* me deu as ferramentas críticas para refletir e compreender o processo pelo qual chegamos a saber o que significa estar na periferia da relação íntima, porém frágil, entre colonizador e colonizado” (Macedo, 2000, p. 11).

Dois meses depois da edição em inglês, é publicada uma edição em espanhol pela editora Tierra Nueva do Uruguai. A organização ficou a cargo de Marcela Gajardo¹⁴ e José Luis Fiori. Coube tradução a Jorge Mellado. Por essa editora, foram feitas duas edições, uma em 1970, outra em 1971. Ao final do livro foi elaborado um apêndice por Hugo Assmann, denominado “Bibliografía de y sobre Paulo Freire”. No levantamento dos escritos de Freire, Assmann indica que circulavam versões distintas do manuscrito da *Pedagogia do Oprimido*, ou seja, antes desta obra ser impressa, eram lidas e estudadas versões diferentes. Conforme o mesmo relata: “*Pedagogia del Oprimido*, edición incompleta. Introd. del Prof. Ernani M. Fiori, Santiago, 1969. Com certeza trata-se de uma versão manuscrita e provavelmente sem o quarto capítulo. Indica ainda “*Pedagogy of the Opressed*”, edición incompleta en relación a la actual edición uruguaya. Harvard Univ., Pref. De Richard Shaul, 1969. (1970, p. 248).

O mundo hispano-americano durante certo tempo teve acesso a obra de Paulo Freire por meio das edições da Tierra Nueva, pois além das duas edições da *Pedagogia do Oprimido*, essa casa editorial também publicou em 1973, *¿Extension o comunicacion? La concientizacion en el médio rural*. A tradução ficou sob a responsabilidade de Lilián Ronzoni.

Conforme podemos verificar no relato de Jacinto Ordóñez Peñalongo: “Eu tive o primeiro contato com o pensamento de Paulo Freire através de suas primeiras publicações editadas em espanhol pela Editora Terra Nova de Montevideo, no final da década de sessenta, materiais que foram aproveitados na Costa Rica” (1996, p. 573).

Essa editora de pequeno porte do Uruguai estava vinculada a Igreja Metodista, e as articulações com os responsáveis foram possíveis pelo contato que Freire tinha com Marcela Gajardo durante seu exílio no Chile.

¹⁴ Marcela Gajardo foi assistente de Paulo Freire no ICIRA.

Ao elaborar Pedagogia da Oprimido, Freire relata que tinha por hábito escrever os textos e discuti-los sempre que possível “com dois grandes amigos com quem trabalhava, no ICIRA, Marcela Gajardo, chilena, [...] e José Luiz Fiori [...]. Com eles debati vários momentos da Pedagogia do oprimido ainda em processo de redação. Não tenho por que negar o bem que a amizade de ambos me fez e a contribuição que a inteligência arguta deles me trouxe” (1993, p. 52/53).

Fica evidente que na construção de sua obra, Freire utilizava o princípio da perspectiva dialógica. É preciso saber escutar o outro, dialogar com o outro, e a partir dessa troca de ideias, assumir um novo saber.

Empenhada na luta pelas classes mais desfavorecidas, a Igreja Metodista vinha desempenhando um papel de forte luta em prol dos mais pobres. Com o golpe militar nesse país, a editora foi obrigada a fechar suas portas.

Em 1972, com a publicação pela Siglo Veintiuno Argentina Editores, Pedagogia do Oprimido atinge a maior parte dos falantes da língua espanhola. Com vasta rede de distribuição na América, assim como na Espanha, a obra – Pedagogía del oprimido – alcança um público leitor mais amplo, não apenas pelo reconhecimento da obra, mas também pela potencialidade da editora, atingindo rapidamente altas tiragens¹⁵ e várias edições, em 1973, por exemplo, já atingia a 10ª edição. As edições dessa casa editorial, dão continuidade a edição feita no Uruguai, ou seja, mesmo tradutor, prefácio de Ernani Maria Fiori, e apêndice de Hugo Assmann.

No ano de 1971, é publicada em italiano – La Pedagogia degli oppressi – pela editora Arnoldo Mondadori Editore, com organização de Linda Bimbi, que no prefácio considera que “[...] a contribuição de Paulo Freire consiste exatamente na proposta concreta de um método e de um conteúdo novo como cultura alternativa” (Freire, 1971, p. 07). A originalidade do “método Paulo Freire” não reside apenas na eficácia do método de alfabetização, mas sobretudo na novidade de seu conteúdo para conscientizar (Freire, 1971, p. 10).

Em breve, o público italiano tinha acesso a essa tradução. Na Itália, Fausto Telleri utiliza o livro no Curso de Pedagogia da Universidade de Bologna, no mesmo ano de sua publicação. Ele afirmou que “O meu primeiro encontro com o pensamento de Paulo Freire começou em 1971 com a publicação em italiano da Pedagogia do oprimido. Descobrimo grande afinidade entre o cristianismo de Freire e as posições marxistas” (Telleri, 1996, p. 591).

Nesse mesmo ano também é publicada a versão alemã, lançada pela editora Kreuz-Verlag de Stuttgart-Berlim. A tradução ficou sob responsabilidade de Werner Simpfendoerfer, com prefácio de Ernst Lang. Ambos são teólogos e conheciam Freire.

¹⁵ A 10ª edição teve tiragem de 10.000 exemplares; a 12ª edição foi de 21.000 exemplares.

Ainda na década de 70, mais precisamente em 1974, é publicada em francês pela editora Maspero. A apresentação ficou a cargo de “Le Collectif d’alphabétisation”. No prefácio é apontado que Freire “concebe a educação como prática da liberdade, que é um ato de conhecimento, uma abordagem crítica da realidade” (Freire, 1974, p. 09).

Finalmente em 1974, temos a edição feita no Brasil pela Editora Paz e Terra. A dificuldade de sua publicação no Brasil é decorrência da censura imposta pelo regime militar no país, proibindo a circulação da obra de Freire. Com ousadia e muita artimanha, além de um dose de coragem do diretor da Paz e Terra, Fernando Gasparin a obra é editada. Manteve o prefácio “Aprenda a dizer sua palavra” de Ernani Maria Fiori.

No livro *Pedagogia da Esperança*, Freire comenta a dificuldade que foi burlar a estrutura repressora e conseguir publicar a *Pedagogia do Oprimido* no Brasil, pois foi enviado um texto datilografado em 1970, para somente em 1974 ser publicado. Conforme relata Freire (1993, p. 63)

Comentando o fato com intelectuais suíços, professores da Universidade de Genebra, um deles, além de professor, conseiller national professor Jean Ziegler, me fez o oferecimento para trazer pessoalmente os originais. Dias depois, Gasparin, discretamente, acusava o recebimento do material pedindo que o esperasse por tempos mais favoráveis para a sua publicação. Remeti o texto nos fins de 1970, quando o livro já tinha sua primeira edição em inglês, ou nos começos de 1971.

Deste modo, num curto espaço de tempo, da redação do manuscrito em 1968, até a edição brasileira de 1974, as principais línguas do mundo ocidental tinham publicado *Pedagogia do Oprimido*, tornando mundialmente conhecido seu autor.

Considerações finais

A trajetória de Paulo Freire encontra-se intimamente imbricada com sua obra, embora diversos de seus textos sejam relevantes sem sombra de dúvida, a *Pedagogia do Oprimido*, por certas singularidades, impõe-se como sua grande obra.

A elaboração dessa obra é percurso de grande parte de sua vida. Como afirma Freire: “Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura” (Freire, 1993, p. 32/33).

Na obra coletiva, denominada *Dicionário Paulo Freire*, no texto “Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual”, Jaime José Zitkoski, Euclides Redin e Danilo Streck, sinalizam o seguinte: “a *Pedagogia do Oprimido* é uma obra coletiva.

Não é mais um escrito só de Freire, mas um pensamento que se corporifica no processo histórico dos povos oprimidos em suas lutas de libertação” (Streck et ali, 2008, p. 22).

Sua construção, tanto num primeiro momento como projeto, como ideia, depois como rápidos ensaios apresentados em seminários, congressos, cursos, foi sendo tecida aos poucos, sua urdidura foi nascendo no permanente ir e vir do viver e do escrever, seu escopo intelectual e sua consistência teórica, não são fruto apenas de leituras teóricas ou troca de ideais com os outros, ela agrega isso, mas em conjunto com a vida vivida, na labuta dos movimentos sociais, no ombro a ombro com os “esfarrapados”, na escuta mansa, autêntica e atenciosa que Freire à eles dedicava. Seja na sua reflexão permanente, no seu aprofundamento e leituras de diversos autores, e ainda no diálogo com amigos íntimos, entre eles Elza de Oliveira, Ernani Maria Fiori, Marcela Gajardo, José Luís Fiori, Hugo Assmann, Richard Shaul, Donald Macedo, Jacques Chonchol, entre outra plêiade de intelectuais que foi construindo ao longo de sua vida. Esse somatório resultou na Pedagogia do Oprimido.

Para Chartier: “A história das práticas culturais deve considerar necessariamente essas intricações e reconstituir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora” (1990, p. 136).

Assim sendo, devemos ter presente todas as relações construídas por Freire, seja no SESI, ainda no Brasil, no ICIRA, durante o exílio, depois em Genebra, ou no “andarilhar” de Freire pelo mundo. Sejam ainda relações com os alunos, com os operários, com os camponeses, sejam ainda com intelectuais como Ernani Maria Fiori, Jacques Chonchol e Marcela Gajardo. Trajetórias complexas, difíceis, densas, onde a experiência, a observação, a leitura, o diálogo, foram ao longo da vida, construindo uma obra. Do livro pensado, ao livro escrito, um rastro de práticas culturais estiveram sempre presente.

Referências

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular. A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. 4ª edição. Brasília: Liber Livro, 2008, 378p.

_____. *Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos*. São Paulo: Pioneira, 1974, 280p.

CARDOSO, Aurenice. *Conscientização e Alfabetização: uma visão prática do sistema Paulo Freire*. S/l; s/ed.; s/ano. [Folheto, 18 p.].

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Editora Bertrand Brasil, 1990, 239p.

_____. Do livro à leitura [77-105]. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 266p.

- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002, 144p.
- _____. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, 352p.
- CORVALAN, Antonio. Prologo a la edición chilena. In: FREIRE, Paulo. *La Educación como practica de la libertad*. Santiago: ICIRA, 1972, 136p.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, 363p.
- _____. *O lado oculto da Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 218p.
- _____. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da "Enciclopédia" (1775-1800)*. São Paulo; Companhia das Letras, 1996, 550p.
- _____. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 231p.
- _____. *Os boêmios: Marquês de Pelleport*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 314p.
- FEITOSA, Sonia C. S. *Educação de Adultos: Método de Paulo Freire*. 2ª ed. Brasília: Liber Livros Editora, 2011, 175p.
- FIGLIARELLI, Ernani Maria. Aprenda a dizer sua palavra (Prefácio), [01-15]. In: *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974, 218p.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização (Verbete: 99-100). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2006, 655p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido (Manuscrito)*. 1968, 92p.
- _____. *Pedagogy of the oppressed*. New York: Herder and Herder, 1970, 186p.
- _____. *Pedagogia del oprimido*. Montevideo: Tierra Nueva, 1970, 250p.
- _____. *Pädagogik der Unterdrückten*. Stuttgart-Berlin: Kreuz-Verlag, 1971, 219p.
- _____. *La Pedagogia degli oppressi*. Italia: Arnoldo Mondadori Editore, 1971, 223p.
- _____. *Pedagogy of the oppressed*. England: Penguin Books, 1972, 153p.
- _____. *Pédagogie des opprimés*. Paris: François Maspero, 1974, 205p.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, 218p.
- _____. *Concepção "bancária" da educação e a desumanização. A concepção problematizadora da educação e a humanização*. Santiago do Chile, ICIRA, 1967, 28p.
- _____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, 245p.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 150p.
- _____. *La Educación como Práctica de la Libertad*. Santiago de Chile: ICIRA, 1972, 154p.
- _____. *?Extension o comunicacion? La concientización en el médio rural*. Montevideo: Tierra Nueva, 1972, 109p.
- _____. *Conscientisation and liberation (Conversation with Paulo Freire, 42-51)*. In: Développement & Civilisations. Revue Trimestrielle, n° 51, Janvier/Mars, 1973, 64p.
- _____. *Cultural Action for Freedom*. Massachusetts: Penguin Books, 1975, 91p.

- FREIRE, Paulo. *Educação & Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 2001, 123p.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, 167p.
- GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo; Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996, 765p.
- _____. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Editora Scipione, 1989, 175p.
- GIROUX, Henry A. Um livro para os que cruzam fronteiras. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo; Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996, 765p.
- GRENN, Elliot (2016). What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar)? *The Impact Blog, The London School of Economics and Political Science*. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/>
- MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter; GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: poder, desejo e memórias da libertação*. Porto Alegre: Artmed, 1998, 212p.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1973, 367p.
- PEÑALONZO, Jacinto Ordóñez. O corte epistemológico de Paulo Freire. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo; Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996, 765p.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ideologia e desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: Mec/Iseb, 1956, 45p.
- ROMÃO, José Eustáquio. Entrevista com Jacques Chonchol (20 de agosto de 2013). In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido (o manuscrito)*. Projeto editorial, organização, revisão e textos introdutórios de Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Universidade Nove de Julho, 2013, 233p.
- SOUZA, Ana Inês (Org.). *Paulo Freire. Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, 368p.
- SPIGOLON, Nima Imaculada. *Pedagogia da convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2009.
- SPIGOLON, Nima Imaculada. *As noites da ditadura e os dias de utopia... O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação – Campinas, SP: [s.n.], 2014.
- STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 443p.
- _____. *Paulo Freire Encyclopedia*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2012, 463p.
- TELLERI, Fausto. O significado da libertação na prática. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo; Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 1996, 765p.
- TORRES, Carlos Alberto et ali. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Educação & Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, 2001, 123p.
- TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva; ANDREOLA, Balduino Antonio. *Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político no Chile*. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001, 176p.